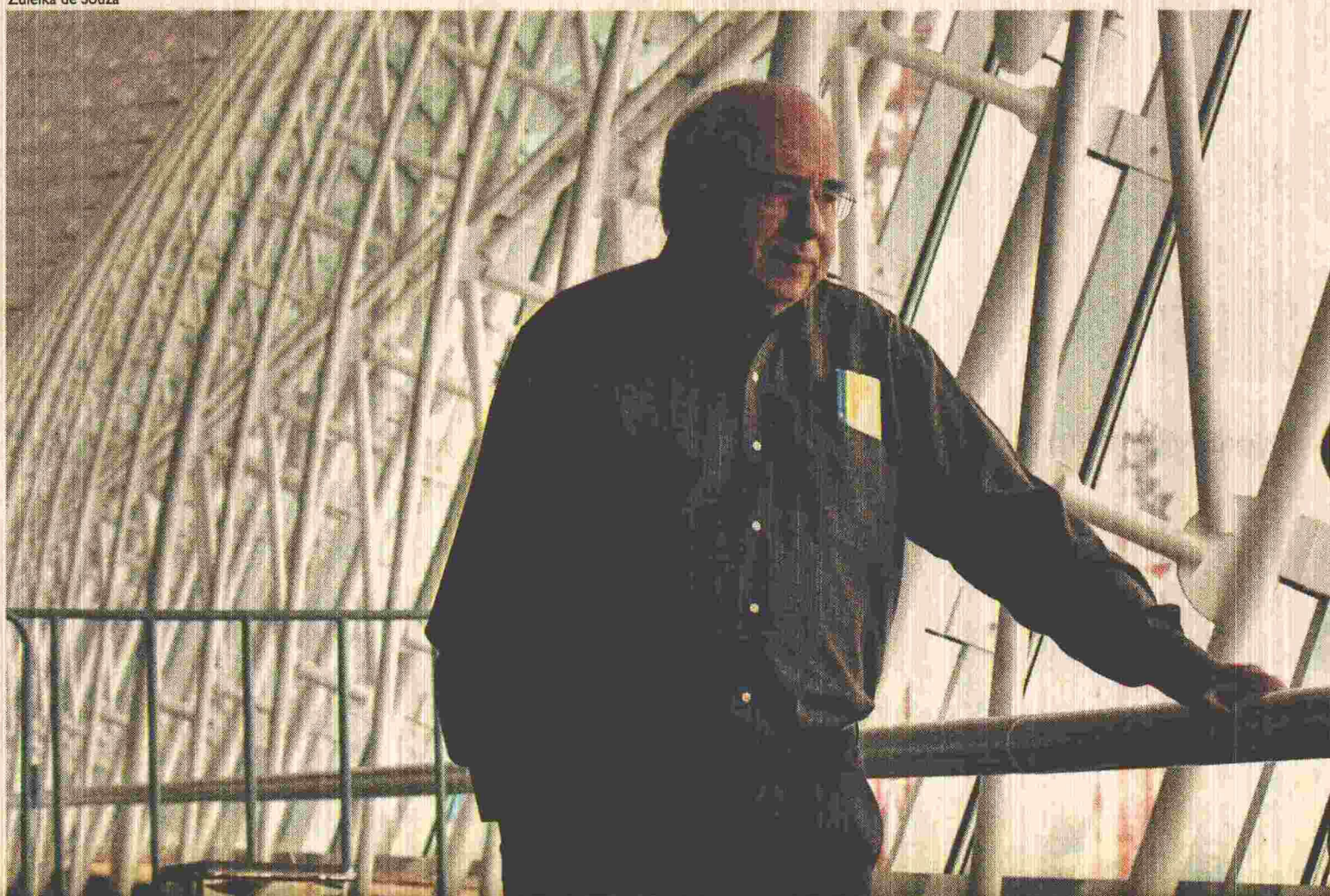


LUIS FERNANDO VERISSIMO

A Brasil Telecom patrocina a brasiliense Mariana Ohata, triatleta olímpica que ocupa o 2º lugar no ranking nacional e a 11ª posição no ranking mundial.

NINGUÉM MORA NUM SÍMBOLO

Zuleika de Souza



Qualquer cidade é uma para quem mora nela e outra para quem visita. A Paris de quem tem que pegar o metrô para o trabalho todas as manhãs não é a Paris dos turistas, e o mesmo vale para Nova York, Buenos Aires e Passo Fundo — neste caso, claro, sem o metrô. No caso de Brasília, essa dualidade se complica, e a distância entre o cotidiano do morador a expectativa e a percepção de quem vem de fora é maior. Porque Brasília, antes de qualquer outra coisa, é um símbolo. O visitante chega cheio de idéias preconceituosas sobre Brasília e — dependendo destas idéias — predisposto a gostar ou não. Nunca esquece do que ela simboliza. Já o brasiliense ocupado com o seu dia-a-dia não pensa nisso. Ninguém mora num símbolo.

E o que Brasília simboliza? Pois é, depende do preconceito. Ela é um símbolo do que o Brasil pode fazer quando se empenha ou um símbolo de desperdício que nunca se justificou, um símbolo de organização urbana ou de urbanização antinatural, de exemplar racionalização administrativa ou de trágico distanciamento entre governo e sociedade, do nosso futuro ou da nossa impossibilidade como nação. Quer dizer, você já chega nela maravilhado ou contra. E como para

os de fora o símbolo é mais forte do que tudo, nada na sua experiência na cidade mudará sua opinião. Você irá embora pensando o que pensava antes, talvez com algumas modificações: “É mais bonita do que eu pensava” ou “É pior do que eu imaginava. Nunca mudei de idéia: amei ou de perto é muito diferente: que horror”. A clássica pergunta que se faz aos habitantes da cidade — “Você é dos que amam ou dos que odeiam Brasília?” pressupõe, um, que o meio-termo não é uma opção e, dois, que mesmo os que moram no lugar há tempo não venceram sua primeira impressão, ou seu preconceito antes de ir. Brasília é uma teoria que você aprova ou desaprova. A prática não influi em nada.

Minha limitada experiência de Brasília foi ruim e boa. Uma vez fui me apresentar no teatro da Funarte com a banda do Chico e do Paulo Caruso, em que eu tocava — usando o termo com certa lassidão — saxofone. Combinamos que entraríamos no palco no escuro. No camarim, todos beberam, menos eu. Resultado: todos entraram no escuro sem problemas menos eu, que fui para o lado errado, caí do palco e quebrei o joelho. Depois, o Paulo diria que era bem feito, para eu aprender a não tentar um voo solo. Mas voltei à cidade várias outras vezes, inclusive para tocar saxofone de novo, fui tratado com muito carinho e não quebrei mais nada. Qual é a minha opinião sobre Brasília? Bem, eu...Ih, acabou o espaço.

“NO CASO DE BRASÍLIA, A DISTÂNCIA ENTRE O COTIDIANO DO MORADOR E A EXPECTATIVA E A PERCEPÇÃO DE QUEM VEM DE FORA É MAIOR”

Luis Fernando Verissimo